

ISSN 0101 708X

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

**G** BOLETIM  
GOIANO *de*  
*Geografia*

INSTITUTO DE ESTUDOS  
SÓCIO-AMBIENTAIS/GEOGRAFIA

VOL. 22 - N.º 2 - JUL./ DEZ. 2002

## NOTAS

### ESPAÇO E EXPERIÊNCIA EM WALTER BENJAMIN

*Gleideston R. dos Santos\**

#### 1. A questão da experiência

Os escritos de Walter Benjamin (1892-1940) versam sobre os mais variados campos do conhecimento, abrangendo desde a filosofia da linguagem e da História à crítica literária e de arte, entre outros. Em nenhum dos seus trabalhos existe uma aproximação direta ou mesmo evidente da noção de Espaço. Entretanto, analisando-se alguns de seus textos é possível vislumbrar elementos de uma espacialidade, os quais são recorrentes nos trabalhos geográficos contemporâneos, principalmente naqueles relacionados com a geografia cultural, na qual e as noções de subjetividade e experiência são pressupostos teóricos fundamentais.

Para efeito de delimitação do objeto de estudo, acima mencionado, utilizarei aqui três obras principais do referido autor nas quais acredito encontrar substrato para a análise que ora me proponho. São elas: *Experiência e Pobreza*, *Rua de Mão Única* e *Imagens do Pensamento*, todas da década de 1930, fase de sua maturidade filosófica.

Um dos conceitos centrais da obra de Benjamin é o de Experiência. Sem dúvida, ele é visível em quase toda a sua obra<sup>1</sup>. De modo geral, esse conceito está relacionado aos valores ancestrais comunitários, os quais são transmitidos a cada geração. Esses valores são preciosos na medida em que estabelecem uma ponte com o passado e com toda a vivência e sabedoria de outras gerações. De certo modo é a Experiência que dá ao indivíduo um ponto de referência com o seu mundo, cria vínculos com o seu lugar, mantém as tradições.

Para Benjamin, no mundo contemporâneo tem-se verificado cada vez mais a perda dessa experiência coletiva (Erfahrung) em detrimento de um tipo de experiência individual e solitária (Erlebnis). Esta, por ser um produto da fluidez das relações, torna o indivíduo alienado no que diz respeito à memória social e entregue aos ditames de um consumismo voraz que faz perder toda a referência temporal e espacial dos valores pretéritos.

---

\* Mestre em Geografia pela NPGeo – UFS. E-mail: gleidestonr@bol.com.br

<sup>1</sup> Essa é uma constatação de Jeanne M. Gagnebin, no prefácio das *Obras Escolhidas de Benjamin*, v. 1, Editora Brasiliense, 1994.

É importante mencionar que a preservação da experiência não diz respeito a um mero saudosismo melancólico como de início pode parecer, mas da necessidade do resgate da memória e da sabedoria de gerações anteriores, de suas lutas que ficaram apagadas na poeira do tempo, as quais reclamam por uma redenção no presente. Além disso, é o resgate dessa experiência que poderá recriar no presente os vínculos comunitários anteriores tão importantes para a sobrevivência em um mundo cada vez mais dominado pela artificialidade e volatilidade das relações.

Observe-se que o esforço teórico de Benjamin sobre a questão da experiência, embora estivesse relacionado mais imediatamente às suas inquietações políticas e filosóficas – crítica ao fascismo e ao historicismo –, transcendeu a essas questões mais específicas. Pode-se verificar uma crítica à euforia do domínio da técnica, bem como à de uma História levada a reboque por ela. Também a perda da aura da obra de arte no mundo burguês e ainda a perda da “arte de contar” (narrativas orais), tão comuns outrora. Sobre isso, Benjamin inicia seu ensaio “Experiência e Pobreza” fazendo uso de uma parábola conhecida por ele, em sua infância, segundo a qual um homem ao leito de morte chama seus filhos e lhes revela a existência de um tesouro em suas terras. Após a morte do pai os filhos começam a procurar freneticamente pelo tesouro escavando o terreno em diversos lugares, mas não o encontram. Naquele ano tiveram uma ótima colheita em função do reboliço com a terra. Só aí entenderam o significado do tesouro mencionado pelo pai. É esse o tipo de experiência perseguido por Benjamin. O mundo contemporâneo, para ele, é cada vez mais “pobre” porque essa transmissão de sabedoria tem-se tornado escassa, ou mesmo, se perdeu.

Creio que a discussão atual no campo das ciências humanas tem retomado tais preocupações. Não vou enumerar aqui casos específicos até porque não é o escopo desse trabalho. As ciências humanas, de um modo geral, têm buscado compreender o tempo presente, o qual é anunciado como a “Era da Informação”, da interligação do planeta via telemática. Contudo, este é também um tempo consagrado ao individualismo, à desterritorialização das tradições, à perda de referência com o lugar e com a cultura local.

Essas questões são bastante recorrentes em diversos ensaios e teses da geografia na atualidade e se traduzem na seguinte problemática: como conviver com um mundo que caminha para a homogeneidade de gostos e estilos, onde a informação aproxima culturas as mais longínquas sem que se corra o risco da perda das especificidades locais? Ou, então, superando-

se essa dicotomia, quais as conseqüências da interferência de *modus vivendi* estranhos à cultura de cada lugar no que se refere à preservação da memória?

## 2. O espaço benjaminiano: experiência e redenção

A concepção de espaço benjaminiano que ora apresento se vincula à sua idéia de Experiência, ou seja, é só através da vivência intensa no lugar que se pode lograr a construção de um espaço humano e pleno de significado. Isso pode ser constatado claramente em uma passagem de *Rua de Mão Única*, onde se lê:

a força da estrada do campo é uma se alguém anda por ela, outra se a sobrevoa de aeroplano... Quem voa vê apenas como a estrada se insinua através da paisagem, e, para ele, ela se desenrola segundo as mesmas leis que o terreno em torno. Somente quem anda pela estrada **experimental**<sup>2</sup> algo de seu domínio e de como, daquela mesma região que, para o que voa, é apenas a planície desenrolada, ela faz sair a seu comando, a cada uma de suas voltas, distâncias, belvederes, clareiras, perspectivas. (1993, p.16)

Observe-se que há dois níveis de apreensão do espaço. Para quem “sobrevoa” existe a possibilidade de percebê-lo de maneira indiferenciada e homogênea. Apenas para quem “anda” e “experimental” a estrada é possível usufruir da sua força. Senti-la e, por conseguinte, dominar os seus códigos.

O que é importante perceber do texto, entretanto, é a visão teórico-filosófica de Espaço em que se pauta o autor, a qual pode ser aproximada aos pressupostos da geografia cultural contemporânea, na qual conceitos como os de Lugar, Território, Espaço Vivido, entre outros, estão intrinsecamente relacionados com as impressões individuais constituídas a partir da vivência no espaço. Dito de outra forma, com a experiência vivida em cada lugar. Para Claval,

a geografia cultural está associada à experiência que os homens têm da Terra, da natureza e do ambiente, estuda a maneira pela qual eles os modelam para responder às suas necessidades,

<sup>2</sup> Grifo meu.

seus gostos e suas aspirações e procura compreender a maneira como eles aprendem a se definir, a construir sua identidade e a se realizar.<sup>3</sup>

A partir do que é exposto aqui por Claval podemos perceber que Benjamin antecipa, em algumas décadas, um tipo de análise bastante usual na geografia de agora. *Rua de Mão Única* transmite ao leitor a impressão de alguém que ao andar pela rua rememora experiências passadas. É um “passeio” pelo espaço da cidade, em cujos signos o passante resgata reminiscências. Estas, pela carga de experiências vividas que traduzem, se constituem em peça fundamental para dotar de significados o ambiente no qual se vive.

Dentro dessa mesma perspectiva, em *Imagens do Pensamento*, Benjamin apresenta relatos de espaço tendo como base a experiência. Trata-se da descrição que faz de cidades italianas em que viveu temporariamente, tais como Nápoles e Ibiza, bem como de sua passagem por Moscou. É impressionante o nível de detalhes da vida cotidiana e dos costumes por ele apresentados, coisa somente possível em função de sua aguçada percepção humana e filosófica, assim como, é claro, das experiências vividas nessas localidades. Como ele explica: “experimentar a cidade” significa sentir seu gosto, descobrir seus segredos, percebê-la nos olhos de seus habitantes, pois “... a cidade se espelha em milhares de olhos, em milhares de objetivos”. Contudo, o que é mais importante é deixar rastros, criar vestígios para que se possa redimir o espaço do esquecimento.

A redenção do espaço. Essa talvez seja a meta estabelecida por Benjamin nos ensaios aqui mencionados, pois, segundo ele, na “Era da Técnica” o que é mais comum é habitar sem deixar vestígios e isso é reforçado pelas formas e conteúdos a que a cidade foi modelada no presente, pois “...os novos arquitetos obtiveram isso com o seu aço e vidro: criaram espaços onde não é fácil deixar vestígios”.

Também no ensaio *Rua de Mão Única* é possível entrever essa mesma questão da redenção do espaço pela via da experiência, tal como já mencionei acima. Para o passante em uma cidade qualquer as “lembranças de viagem” mais significativas são aquelas nas quais se realiza uma experimentação intensa no espaço. Aquilo que é retido pela memória, que é “redimido”,

<sup>3</sup> CLAVAL, Paul. As abordagens da Geografia cultural. In CASTRO, Iná E. et al. (Orgs.). *Explorações Geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. p. 89-117.

quando da passagem por algum lugar é justamente o que foi experimentado com intensidade. Existe uma diferença entre a “visita” e a “compra” da cidade. A *devoração* e o uso da cidade através do comércio e do utilitarismo estão mais relacionados ao consumo da mesma, enquanto que a *visita* se pauta na busca da experiência pessoal que, nesse caso, pode redimi-la do esquecimento. Nesse processo de redenção da cidade, em sua plena concretização, é fundamental a existência do *flâneur* que Benjamin resgatou nos seus escritos sobre a Modernidade em Baudelaire<sup>4</sup>. O *flâneur*, apesar de estar envolto em suas andanças pelas vitrines do espetáculo urbano, não perde a sua individualidade. Ele não é absorvido pelo mundo exterior tal como o passante, pois ao mesmo tempo em que realiza o seu trajeto, com o seu olhar agudo sobre as coisas, estabelece uma “estranha esgrima” com o espaço, ou seja, dialoga com o mundo exterior absorvendo-o, mas ao mesmo tempo imprimindo nele sua marca que forja sua identidade. Diferente disso, o sujeito moderno – o *badaud* – é envolvido pelo consumo desenfreado, torna-se multidão. Para ele tudo é objeto de consumo, até mesmo a cidade. Assim, perde de uma vez o sentido de experimentação da mesma, donde vem a perda da identidade tão presente no mundo contemporâneo.

Contudo, no que diz respeito à experiência individual, é importante entender que não se trata de uma redenção do espaço que se resume apenas ao indivíduo ou que tem nele um fim, mas o resgate do espaço de todos, da memória coletiva que aí reside. O indivíduo, nesse sentido, constrói o elo entre a memória pretérita e o tempo presente. É uma espécie de “messias”, tal como Benjamin o concebe em suas *Teses sobre o Conceito de História*. Não se trata, portanto, de mero individualismo tal como se vê emergir na sociedade atomizada atual.<sup>5</sup> A experiência benjaminiana refere-se a toda a humanidade.

### 3. Experiência e lugar: o espaço redimido

O trinômio espaço, experiência e homem apresenta diversas possibilidades de apreciação nas ciências humanas. Para a geografia em seu viés cultural, contudo, é onde se pode verificar, de modo mais evidente,

<sup>4</sup> Cf. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. In – *Walter Benjamin: Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 9-102. v. III.

<sup>5</sup> Sobre a questão da “nova individualidade” vide CARLOS, Ana Fani A. In SILVA, José Borzachiello da (Org.). *A cidade e o urbano*. Fortaleza: EUFC, 1997. p. 199-212.